

## **INSIDE OUT**

### **Daniel Nave**

As obras de Daniel Nave (1955) exploram uma experiência sentimental profundamente enraizada na intimidade intrínseca das estruturas que edificam o mundo que nos rodeia, ou seja, reflectem, simultaneamente, a interioridade e a exterioridade dos seres e dos objectos vividos. Se por um lado este duplo sentido das pinturas do artista apresenta hipóteses de paisagens etéreas que revelam a interioridade dos corpos que aleatoriamente podem sobrevoar os espaços ocupados, por outro lado as estruturas edificadas constroem um lugar opressor que constringe os próprios corpos. Este efeito de constringimento externo tende a promover um olhar de retorno para o interior mais íntimo dos próprios corpos. Deste modo, o retomar ao corpo tem implicações na percepção das próprias obras e no modo como são construídas, não só como elementos formais, mas, sobretudo, como idealização de um exterior desejado. Assim, para compreender como este efeito de percepção se produz, será necessário descrever o que se entende por interioridade, por exterioridade e a qual relação que se estabelece entre estas duas entidades.

Para se reflectir sobre o que se pode nomear como interior será necessariamente compulsivo referir que esta interioridade existe em todos os corpos, porque é essa a sua natureza. Pode-se dizer que o interior é algo que se encontra inacessível ou que existe uma barreira que é preciso transpor para se ter acesso ou que é algo intocável. A transposição dessa pele, dessa muralha ou desse invólucro, pressupõe sempre um movimento de acção, prazeroso ou penoso, sobre o corpo afectado. Ao aceder a essa interioridade as possibilidades de experiência são múltiplas, porque contêm em si próprias a infinita liberdade do espírito dos corpos que as envolve, ou por outras palavras a sua hospitalidade. Já não se trata de corpos presos a estruturas edificadas e preconcebidas, mas sim a momentos livres e pairantes sobre a realidade existente. As atmosferas românticas de névoas líquidas nas pinturas de Daniel Nave promovem este estado flutuante e delirante. Através das tintas de anilina líquidas, aguadas e transparentes o artista consegue revelar uma superfície sensível e profundamente enigmática. Estas atmosferas apetecíveis inebriam o espectador e não deixam que o olhar se fixe. Ao perder o pé, ou a visão, o espectador perde-se nos seus próprios medos e ansiedades. Contudo, estas atmosferas diluídas também podem reflectir sobre a exterioridade que as comporta. Ao entender exterior como aquilo que está fora dos corpos, que os envolve e que não lhes pertence, estes espaços aéreos são, do mesmo modo que a interioridade do espectador, a sua própria exterioridade. Mesmo que se trate de um lugar inóspito, esse espaço distante assimila-se com algo próximo e familiar. Neste sentido, aceitando que o que nos rodeia pode ser o mesmo que

reside em nós, ou seja, o interior e o exterior são a mesma entidade, as pinturas de Daniel Nave podem remeter para uma perda de referente e de relação com a realidade e com a sensibilidade vivida. Mas esta perda implica uma necessidade para a edificação de estruturas ancoradas em teias geométricas e estáveis.

Todas as pinturas de Daniel Nave são compostas por estruturas aparentemente arquitetónicas que constroem tramas e ruínas. Ao constituírem formas edificantes mas simultaneamente em ruínas, estas estruturas precárias e românticas permitem que a passagem entre o exterior e o interior se torne um misto de sentimentos e de sensações. Ao mesmo tempo que são passagens penetrantes e permeáveis, tornam-se, também, impenetráveis e impérvias. Este duplo movimento, entre o inacessível e o acessível, parece promover um ritmo entre a passagem de um mundo exterior e um mundo interior, que se assemelha com a respiração. O ritmo da respiração é determinado pela ansiedade vivida nos diversos momentos da vida, ou seja, é influenciada pelo preciso momento presente em que acontece. Esta velocidade espelha os nossos estados de sensação, emoção ou apatia, que acelera ou desacelera os movimentos de inspiração e de expiração. Neste sentido, a relação entre a interioridade e a exterioridade dos corpos nas obras de Daniel Nave pode ser vista sob o signo íntimo da construção, em que aquilo que se vê pode bem ser aquilo que se sente.

Hugo Dinis

Março 2018